

# 27 anos de dedicação à música

Projeto Música no Museu comemora data com concertos gratuitos

**R**ecém-incluído no Calendário de Datas Comemorativas do Estado, o Dia da Música no Museu será celebrado pela primeira vez agora, no próximo dia 27. A comemoração vai desta sexta-feira (22) até o próprio Dia da Música no Museu. Será uma semana com três concertos refletindo a diversidade musical da série, indo do clássico europeu ao jazz, passando pela música brasileira, erudita e popular, sempre com entrada franca.

A programação começa, às 18h, no Palácio Tiradentes, sede histórica da Assembleia Legislativa, com a pianista Crismarie

Hackenberg e o Concerto de Música Vocal Rio à Capella, que tem como principal atração a Oficina de Cantoria + 60, desenvolvida pelo projeto Música no Museu. Os corais Molho Inglês e Cepel Grupo Vocal também se apresentam no recital, que ainda tem a participação do percussionista Léo Mucuri.

Na próxima terça (26), também às 18h, o baterista Otavio Garcia, comanda o projeto Villa-Lobos In Jazz, no Arte Sesc (Rua Marquês de Abrantes, 99, Flamengo). Com Felipe Poli (violão), Alex Rocha (baixo) e Marco Túlio (sax e flauta), ele jazzieira “Bachianas nº5 (Cantile-



Divulgação

**O Quarteto Tonal encerra a programação especial do projeto no dia 27**

na)”, “Caicó” e “Escravos de Jó”, entre outras peças dos repertórios erudito e popular de Heitor

Villa-Lobos (1887-1959). O grupo também homenageia o recém-falecido pianista Fernando Corona, que era seu integrante.

No Dia da Música no Museu, quarta (27), quem faz a homena-

gem na data é o Quarteto Tonal. Formado por Nelma Pataro (flauta doce - soprano e contralto), Sérgio Simões Menezes (flauta doce - tenor e contralto), João Azeredo (flauta doce contralto e flauta transversa) e Sarah Nery (piano e percussão), o grupo toca de “Aquarela do Brasil” (Ary Barroso) ao tango “Por Una Cabeza” (Alfredo Le Pera / Carlos Gardel), além de canções como “Lígia” (Tom Jobim) e “Carolina” (Chico Buarque), em homenagem ao Mês das Mulheres.

A inclusão do Dia da Música no Museu no calendário oficial de datas comemorativas é um reconhecimento ao trabalho que, em 2024, completa 27 anos, deferido como a maior série permanente de música clássica do Brasil. Nestas quase três décadas ininterruptas, mais de 1 milhão de espectadores já assistiram aos concertos, sempre gratuitos, da série. “Passamos a promover aqui um hábito que já era comum na Europa, de levar música a locais como igrejas, centros culturais, pontos históricos, além de, é claro, museus”, ressalta Sérgio da Costa e Silva, idealizador do projeto

## CRÍTICA / DISCO / DEIXA A VIOLA ME LEVAR

# Enquanto dormimos...

Por Aquiles Rique Reis\*

“Enquanto dormimos/ a dor que não se dissipa/ cai gota a gota sobre nosso coração/ até que, em meio ao nosso desespero/ e contra nossa vontade/ apenas pela graça de Deus/ vem a sabedoria.” (Poema escrito no século V a.C. pelo poeta grego Ésquilo)

Ao ouvir “Deixa a Viola me Levar” (Selo Sesc), álbum que homenageia a obra do violeiro Mestre Manelim, lá do Sertão do Urucuia, em Minas Gerais, lembrei-me do poema de Ésquilo. Metido que só, lá vai! Enquanto dormimos, alguns agem. Enquanto dormimos, a história é preservada ou esquecida. Enquanto dormimos, mais um gênio corre o risco de parecer que nunca existiu. Enquanto dormimos, alguns fazem o que

nós apenas sonhamos enquanto dormimos.

Não digo isso porque já estivesse pensando em Manelim, a quem ainda não conhecia, posto que eu “dormia”. Digo isso pensando nos pesquisadores, escritores e violeiros Paulo Freire e Cacaí Nunes, que produziram esse álbum com gravações inéditas de Manelim e assim preservaram a sua herança.

Seu Manoel costumava dizer que aprendeu nove afinações de viola e a que ele mais tocava era a rio abaixo. E, também, que trabalhava na roça durante o dia e à noite ponteava no terreiro da sua casa os toques de viola, tais como o pica pau (<https://youtu.be/hvJTQP9hXY?si=l->



Divulgação

-V2xhh25mLB319D), o rio abaixo (<https://youtu.be/oIbR-7QlaqYk?si=PutZe9mHtOiu-jf9>), o lagartixa, o papagaio, o lundu, o inhuma, o conselheiro, o cebolão, o São Sebastião, o São Gonçalo e as toadas de Reis.

Em 2006, Paulo Freire produziu Urucuia, primeiro disco com gravações de Manoel de Oliveira.

E hoje ele traz novas gravações de Manelim para o álbum Deixa a Viola me Levar, que é, ainda segundo Freire, uma mostra de três fases distintas da vida do mestre e que não apenas capta o cerne da viola, no cenário do sertão mineiro, como também se revela uma coletânea da obra de Seu Manoel, falecido em janeiro de 2020.

São composições que, para além dos toques de viola, representam a relação do violeiro com a natureza através de músicas tradicionais, como folias de reis e a dança de São Gonçalo, num total de 17 faixas. Manoel de Oliveira, o Mestre Manelim, sabia tudo da sua viola de dez cordas.

Bem, ao ouvir o seu trabalho, é forçoso dizer que talvez ele estivesse

condenado a ser um eterno desconhecido, não fosse a diligência de dois violeiros abnegados e do Selo Sesc para trazê-lo de volta à cena. Manelim vive!

A justificativa do trabalho de Freire e Nunes é a sua grande relevância cultural. Entendo que só a cultura revela quem somos, de onde viemos e para onde vamos. E nos identifica muito mais do que CPFs e RGs, tornando-nos, aí sim, de fato, cidadãos e cidadãs deste país. Cultura é isso.

Ficha técnica

Direção artística e produção musical: Paulo Freire e Cacaí Nunes; mixagem: Cacaí Nunes; masterização: André Magalhães; texto: Paulo Freire; fotos: Cacaí Nunes; produção executiva: Vai Ouvindo e Circus Produções Culturais; diretor de produção: Guto Ruocco.

\*Vocalista do MPB4 e escritor